

CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de Minas Class.: XAR.00232

Data: 21/10/90 Pg.: \_\_\_\_\_

Xacriabás

# Irmãos de sangue no sofrimento

MAURÍCIO PESSOA

Nem pretensioso nem humilde. Apenas um remanescente dos índios Xacriabás, silencioso e enigmático, à espera de mais um gole na garrafa de cachaça que passava de boca em boca. As 19 horas, naqueles ermos de Minas Gerais, dificilmente se poderia ver céu mais estrelado e maior abandono comum. Com a boca cheia, o índio Santo Rico passou a garrafa a um companheiro, agachou-se perto do carro e, meio embriagado, manifestou intenção de continuar em silêncio. Incômodo silêncio, pois, afinal, ele havia sido o causador involuntário de uma viagem de mais de 1 mil quilômetros de Belo Horizonte às distâncias de Itacarambi, ao Norte de Minas.

Juntamente com outros 140 remanescentes Xacriabás, protegidos e amparados pelo padre Johann, um austríaco que por lá vive há mais de 30 anos, Santo Rico é muito diferente de sua pequena tribo, que não lidera mas que o respeita. Apesar de serem raros seus momentos de lucidez, consegue balbuciar palavras inteligíveis. Aos 13 anos deixou as terras de sua gente e caminhou em direção a Pirapora, onde a bordo de um vapor desceu o rio São Francisco. Fez e refez a viagem várias vezes, até que foi expulso do barco por dormir demais.

A pé, seguiu até Montes Claros. Era 1939 e ele ainda não havia feito 16 anos. Juntamente com outros migrantes, viajou para São Paulo, atraído pela indústria da construção civil, que se preparava, então, para participar da fase planejada do crescimento da cidade. Ele se lembra que seguiu de caminhão, uma viagem longa e sofrida. A chegada a São Paulo não foi diferente daquilo que se repete todos os dias: solidão e medo, intimidação provocada pelo gigantismo da cidade e as lembranças de sua Itacarambi.

Não que fosse preguiçoso, mas José João — seu nome verdadeiro — não estava preparado para trabalhar em construção. Poderia fazer outras coisas, tomar conta de boiadas, capinar, cuidar de roça, mas não preparar massa para o pe-



dreiro levantar edifícios. Ficou cinco meses naquela vida penosa até decidir viajar a Santos, onde o porto o atraía com melhores salários. Acomodou-se num quartinho em companhia de outros dois mineiros e, em breve, estava carregando e descarregando navios. A guerra já havia começado na Europa e a tensão era grande entre os marinheiros.

Naquela vida de estivador, o pequeno João José se desenvolveu fisicamente. Seus 167 cm — era o menor a trabalhar na descarga dos navios — e sua dificuldade em falar corretamente o português provocaram-lhe vários problemas, sempre resolvidos à custa de brigas. Mas, lembra ele, sua dignidade jamais "rolou" nos trilhos das docas. Passa as mãos na boca seca, querendo mais bebida, e continua falando de sua vida, aparentemente vazia, mas povoada por lembranças.

Com o tempo, o País entrou no conflito, depois que vários navios cargueiros foram afundados nas costas do Nordeste. Crescia a comoção nacional e, em companhia de centenas de outros, João José se alistou para combater. Foi escolhido e enviado para São João del-Rei, de onde partiu em 1944 para a Itália num transporte de tropas de

bandeira americana. Apesar de o Exército não confirmar, alegando não haver em seus registros qualquer referência a Santo Rico, ele mostra a barriga marcada por várias cicatrizes, segundo ele produzidas em hospitais de campanha.

"Vi combates ferozes, participei de vários e fui operado por médicos brasileiros dentro de barraca. Essas marcas na barriga são consequência de balaços alemães, que quase me mataram". Não são apenas essas marcas que Santo Rico trouxe da Europa. Seu apelido lhe foi dado em função da platina que tem na perna esquerda, certamente colocada durante a guerra.

Voltou aleijado e procurou esquecer suas mágoas em Itacarambi, onde pode ser encontrado numa das últimas reservas florestais nativas ainda existentes ao Norte de Minas. Essas terras, segundo o padre Johann, foram doadas aos índios Xacriabás pelo imperador Dom Pedro II, gratificando-os por sua participação na Guerra do Paraguai. Se valem muito para projetos de desenvolvimento agropecuário — conforme demonstra o interesse de inúmeros conglomerados empresariais, todos querendo expulsar os remanescentes — maior valor tem para os 140 Xacriabás que ali viveram toda a vida e onde habitaram seus ancestrais. "Não importa discutir se foi justa ou não a Guerra do Paraguai.

O que realmente importa é que essas terras foram doadas pelo imperador. Retirar daqui os Xacriabás é condená-los à morte.

São ricas as histórias que contam, entre uma e outra venda de semente de capim. Uma delas é a de um velho índio que ganhou dinheiro em loteria, em 1937, e que, todas as vezes que chegava a ca-

valo em Pirapora parava à porta de um bar, tomava uma cerveja e mandava o proprietário trazer um engradado para fora. Arrancava as tampas, despejava a cerveja num jarro e dava um banho no cavalo, "para espantar o calor". Fantasia ou realidade, o certo é que histórias como essa provocam risos prolongados entre os Xacriabás. São tipos franzinos, com alguma barba rala e encarquilhados precocemente pelo sol do Norte de Minas. Todos, quase sem exceção, cultivam casos como o do ganhador da loteria porque talvez sejam manifestação de antiga supremacia sobre os brancos.

A Leste da reserva Xacriabá, praticamente desconhecida dos espeleólogos brasileiros, existem grutas que jamais foram visitadas, algumas com rios subterrâneos e estranhos peixes sem olhos, que os índios temem mas que o padre Johann nunca viu, certamente pela dificuldade que tem em caminhar.

O acesso às grutas é difícil, os caminhos são tortuosos e íngremes, mas a lenda e a tradição indicam que pouco se sabe a respeito do Norte de Minas. Quem conhece bem a área são os garimpeiros, os mineradores e os carvoeiros, que tanto temem os índios quanto são temidos por eles.

A 20 quilômetros de Itacarambi, alheios a quase tudo, os Xacriabás podem estar assistindo a uma criança de três anos mexendo numa fogueira. Não a interrompem ou a impedem. Ao contrário, aos gritos até estimulam a brincadeira, que pode ensiná-la a manter-se, sempre, distante do fogo. Entre risos e vozes em tom alto, saúdam a imaginação e o poder de realização do menino. Coisas de índio ou simplesmente respeito pelo que faz a criatura humana?